

# **EVANGELIZAÇÃO CONTÍNUA: UMA DISCUSSÃO HISTÓRICA, TEOLÓGICA E IMPLICAÇÕES.**

Carlos Henrique Fernandes Junior<sup>1</sup>  
Érico Tadeu Xavier<sup>2</sup>

## **RESUMO**

Este trabalho visa a mostrar o histórico debate sobre o que é igreja, realçar esse entendimento hoje e abordar a Igreja Adventista do Sétimo Dia nesta realidade. Apresenta, também, a discussão de teóricos sobre o papel da igreja, aponta o desenvolvimento deste pensamento ao longo da história, discute o relacionamento entre igreja e missão, aborda os aspectos individuais da missão, e destaca a importância deste entendimento na contemporaneidade. Fica claro que a igreja como um todo é missão e que especificamente a Igreja Adventista do Sétimo Dia através de sua ênfase apocalíptica deve estar totalmente imersa nesta realidade, vivenciando uma cultura missional em todas as suas ações e dimensões.

**PALAVRAS-CHAVE:** IGREJA. MISSÃO. EVANGELISMO. ADVENTISTA.

## **ABSTRACT**

This work aims to show the historical debate about what the church is, to enhance that understanding today and address the Seventh-day Adventist Church in this reality. Presents a theoretical discussion on the role of the church, says the development of this thought throughout history, discusses the relationship between church and mission, aborda individual aspects of the mission, and highlights the importance of understanding the contemporary. It is clear that the church as a whole is that mission and specifically the Seventh-day Adventist Church through its apocalyptic emphasis must be fully immersed in this reality, experienced missional culture in all its actions and dimensions.

**KEYWORDS:** CHURCH. MISSION. EVANGELISM. ADVENTIST.

---

1 Bacharelado do curso de Teologia pelo SALT-IAENE - Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia/ Instituto Adventista de Ensino do Nordeste. E-mail: <carlos.henriqueminas@gmail.com>

2 Doutor em Teologia pelo PRODOLA. Programa Doutoral Latino-Americano. Atua como professor de do SALT-IAENE - Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia/Instituto Adventista de Ensino do Nordeste. E-mail: <pastortadeu@gmail.com>

## INTRODUÇÃO

Ao observar a igreja no seu aspecto prático percebe-se uma desconexão entre o seu propósito original e sua realidade. Assim, o relato bíblico aponta para uma igreja criada com propósito bem claro e definido, a evangelização. Porém, há tantos agentes que têm, de ta forma, distraído a igreja do seu foco que esse ato evangelizador tem ocupado uma agenda muito mais periférica do que central. Uma preocupação demasiada em si mesma que não há tempo suficiente para olhar para o mundo e evangelizá-lo de maneira mais intensa e intencional. Faz-se necessário então, promover uma cultura missional e resgatar os valores originais da igreja quanto a sua razão de ser. Este trabalho visa a contribuir com a comunidade adventista oferecendo embasamento teológico e histórico para pautar as suas ações como igreja local e a nível global.

Desse modo, percebe-se que a igreja cristã ao longo dos séculos deixou de ser evangelismo e passou a fazer evangelismo apenas como mais uma de suas atribuições entre tantas outras. Há um risco de a igreja deixar de ser o que ela nasceu para ser: evangelizadora e missional. Porque a igreja cristã hoje não experimenta mais uma cultura missional? Quais são as implicações dessa realidade? Esses questionamentos são os motivadores dessa pesquisa. E Tentar identificar através de um olhar histórico como a igreja foi se distanciando de sua matriz (a igreja primitiva descrita em Atos), fazer uma breve análise em importantes autores sobre missão, demonstrar as implicações dessa realidade e sugerir um movimento em direção a revitalização da identidade e natureza missionária da igreja, são os desafios do presente estudo. Seu objetivo maior fica sendo discorrer sobre como a igreja cristã perdeu a essência evangelística ao longo de sua história e propor um retorno para que ela esteja em estado contínuo de evangelização como sua única agenda.

E especificamente:

1. Apontar para a razão de ser original da igreja.
2. Apresentar um debate histórico sobre essa tensão se a igreja faz evangelismo ou se ela é evangelismo.
3. Mostrar as principais características de uma igreja em estado contínuo de evangelização.
4. Demonstrar a grande necessidade do engajamento da igreja na missão na contemporaneidade.

## IGREJA E MISSÃO

A igreja é a agência usada por Deus para desenvolver sua missão, a razão de ser da igreja é estar em contínua ação missional para divulgar o reino de Deus e manifestar o Deus desse reino através de seus discursos e práticas. Apesar de parecer coerente, simples, lógica e até mesmo óbvia a afirmação acima, pode estar longe das práticas eclesiológicas atuais, ou seja, percebe-se um grande distanciamento deste conceito com a agenda de trabalho da maioria das igrejas.

O que é igreja e qual é a sua real função foi sempre motivo de discussão ao longo da história, e às vezes, de maneira mais central ou mais periférica, intensa ou mais branda esse assunto sempre

rondou as discussões teológicas, concílios, e conferências locais ou de âmbito mundial.

Algumas definições que foram construídas ao longo do tempo, conseguem sintetizar bem essa marca missional que deve acompanhar a igreja: “Igreja é a igreja somente quando ela existe para outros [...]” (BONHOFFER, 2011, p.150). O mesmo continua e aprofunda quando afirma que “A igreja deve compartilhar os problemas seculares da vida humana comum, sem dominar, mas ajudando e servindo” (BONHOFFER, 2008,p.152). Sendo assim, se nota que quando a igreja deixa de ser missão ela passa ser outra coisa, e não igreja. Essa abordagem bem definida sobre a natureza da igreja, não ocorre somente em Bonhoffer, mas outras figuras proeminentes que vão tentar conceituar o ser igreja ao longo de suas obras.

Diante desse fato, Bonhoffer em sua obra “Discipulado” vai desenvolver de maneira mais clara o conceito de igreja e sua função, primeiramente ele vai lançar um olhar histórico observando a prática da igreja primitiva e afirmar que a igreja primitiva era uma comunidade visível que se fazia ser vista claramente dentro do seu contexto social e cultural na qual estava inserida e que os crentes agiam, trabalhavam e sofriam na comunhão de Jesus. O autor alemão tem um olhar otimista para a igreja primitiva que vemos descrita no livro de Atos, mas não a coloca como uma matriz eclesiológica a ser minuciosamente copiada pela igreja de hoje, mas demonstra que em seus conceitos, ela é perfeitamente assertiva e que em suas práticas servem de inspiração aos crentes atuais. Ainda quanto à igreja primitiva Bonhoffer (2011) ressalta que:

[...], Lucas torna claro que, segundo ponto de vista dele, a tarefa essencial da igreja é a missão. Diz notavelmente pouco acerca da vida interna da igreja, e concentra a maior parte de sua atenção a este aspecto da tarefa da igreja. Além disso, para Lucas a missão importa em evangelização, a proclamação das boas novas de Jesus e o desafio ao arrependimento e à fé (STOTT, 1999, p. 49-50).

Logo, na criação da igreja ficou muito claro que: “ O Espírito Santo é um Espírito missionário que criou uma igreja missionária” (STOTT,1990, p.91).

Dessa maneira, o livro de Atos no capítulo 2 traz um resumo importante da vida prática da igreja, e quanto ao verso 47 especificamente, se observa:

Ao analisar o verso 47 vemos que o Senhor acrescentava dia a dia os que iam sendo salvos, o que deixa evidente que o evangelizar não era uma ação ocasional ou esporádica da igreja primitiva, não se vê um clima de campanhas de evangelização pontuais. O culto era diário (contínuo) e era evangelístico essencialmente. A igreja caminhava em direção ao mundo intencionalmente (STOTT, 1990, p. 93).

Diante disso, quanto ao seu relacionamento Igreja x Mundo, pode-se entender que “[...] eles estavam ligados ao mundo (em evangelização). Eles estavam engajados numa evangelização contínua.” (STOTT, 1990, p. 93).

E ainda Bonhoffer (2011), ao falar da igreja hoje, afirma que pregação é diferente de discursos religiosos e que estes não devem acontecer no seu dia a dia, e ainda afirma que a igreja vive sua vida própria dentro do mundo e que através da sua maneira de ser e de seus atos demonstra um claro contraste com o mesmo, e que há uma dimensão superior a ser vivida, que o tempo é breve, que o Senhor está perto, e isto a enche de alegria.

Assim, Bonhoffer indica que a igreja deve estar sempre a fazer sua missão, que ela deve se fazer ser ouvida e vista por aqueles que a rodeiam, e que ela recebe uma mensagem que vale a pena ser vivida (Bonhoffer, 2011).

A missão, dessa maneira, é uma realidade que a igreja não pode omitir, ela é por natureza missionária. “A igreja desde o seu início tem consciência da necessidade de proclamar a alegre notícia de Cristo, testemunhando-o em toda parte até o sacrifício da própria vida” (PANAZZOLO, 2012, p. 170)

Nas últimas décadas, por conseguinte, houve um desenvolvimento extraordinário na teologia bíblica, o que levou a uma redescoberta da igreja como comunidade do Reino, como comunidade de testemunho e de serviço no mundo e para o mundo. Pode-se afirmar, então, que Igreja é Igreja missionária, ou então não é igreja. Também, se reforça a ideia de que a natureza da igreja está em propagar o reino, especificamente através de seu testemunho e serviço (Blauw 1966).

A respeito dessa temática, Blauw (1966) prefere caminhar em solo bíblico do que em tratados teológicos e referências na área, e também afirma que quando percebemos a unidade entre igreja e missão na Bíblia, desaparecerá o mal entendido de haver duas fases: primeiro a fase da missão e depois o da igreja.

Sobre as tendências teológicas atuais, Blauw (1966) vai dizer que tudo quanto a comunidade de Deus faz na terra deve ser considerado à luz de sua missão. Assim, o crivo para todas as ações da igreja, sejam essas ações locais ou de maior abrangência, é o de aspecto missionário.

Fica muito claro, então, que não há uma distinção entre igreja e missão, pois essa convicção de unidade igreja/missão está um tanto quanto longe de ser expressa nas atitudes e ações práticas da igreja e muitas igrejas são caracterizadas por “nada é missão” e não tanto por “tudo é missão” Blauw (1966).

Desse modo, A ação missionária da igreja, segundo Blaw (1966), não é somente uma das suas atividades, mas o critério de todas as suas atividades. E ainda vai tornar mais claro essa situação ao afirmar que “é exatamente pelo sair de si mesma que a igreja é ela mesma e volta a si mesma” (BLAUW, 1966, p. 189).

Blauw (1966) afirma, ainda, que a igreja passou por um processo de negativa institucionalização e hierarquização, e que ironicamente as obras missionárias se rebelaram de modo positivo contra a rigidez institucional, denominacional e religiosa, ou seja, por incrível que parece as atividades de missão da igreja no passado eram ações periféricas e que desafiavam do tom predominante que a igreja tinha em sua agenda de atividades.

Diante desses aspectos, caminhando para uma ala mais contemporânea e mais pragmática da teologia, vamos encontrar Rick Warren, que vai demonstrar sobre qual direcionamento a igreja pode ser guiada, em seu Best Seller “Uma Igreja com Propósitos”. Assim, Warren vai narrar a sua bem sucedida caminhada ministerial e apontar o desejo que Deus tem para a sua igreja é que ela caminhe com propósitos bíblicos, os quais ele vai apontar segundo seu entendimento. Mas, neste momento vamos nos apegar ao que Warren alerta quanto ao desvio de foco tão presentes nas realidades eclesiais atuais, e que em muitos casos as ações da igreja são pautadas por quase tudo, menos pelo crivo missional como anteriormente citado por Blauw. Para tanto, foram selecionados três equívocos de direcionamento citados pelo autor:

1 Igrejas dirigidas por tradições: Nas igrejas dirigidas por tradições, a frase perfeita é: “Sempre fizemos isso desse jeito” O alvo da igreja dirigida por tradições é simplesmente perpetuar o passado. Mudanças são quase sempre vistas de forma negativa e a estagnação é interpretada como sinônimo de “estabilidade”. Igrejas mais antigas tendem a se prender a determinadas regras, regulamentos, e rituais. Enquanto isso, as mais jovens tendem a se unir a um propósito e missão. Em algumas igrejas a tradição é tão forte que qualquer outra coisa, até mesmo a vontade de Deus se torna secundária.

2 Igrejas dirigidas por programas: A escola bíblica, departamento feminino, o coral e o grupo de jovens são a força motivadora de algumas igrejas. As igrejas dirigidas por programas, em vez de proporcionar o crescimento espiritual das pessoas, trabalha somente por preenchimento de cargos.

3 Igrejas dirigidas por eventos: Existe muito trabalho em igrejas como esta, mas não necessariamente produtividade (WARREN, 1999, p. 354).

Nesse sentido, Warren não procura estabelecer um tratado teológico a respeito da teologia da missão, mas, muito acertadamente descreve problemas reais com as igrejas atuais que as desviam do foco de exercer da missão. Esses três exemplos acima são clássicos e demonstram o que Blauw afirma, pois há uma evolução no entendimento da teologia bíblica da missão, mas quando caminhamos para a prática, percebemos agentes que vão trabalhar contra este exercício ideal do fazer missão e criar outros crivos para o agir da igreja (Blauw 1966).

Sendo assim, é possível identificar quatro tipos de eclesias principais:

Instituição, Corpo Místico de Cristo, Sacramento ou como Servo. Qualquer uma dessas concepções de igreja implica em uma interpretação diferente da relação entre igreja e missão (BOSCH, 2009, p. 442).

Bosh reafirma, dessa maneira, o que já foi visto com outros teóricos que a concepção do que é igreja vai afetar de maneira negativa ou positiva a sua essência, conceituação ou prática missional. Especificamente no que diz respeito ao catolicismo, sua compreensão histórica de igreja sempre teve um conceito elevado e que suas ênfases estavam voltadas para o aspecto jurídico e institucional. Mas

essa concepção começa a mudar de instituição para corpo de Cristo, porém apesar desta mudança conceitual a missão ainda é descolada da sua essência. Assim, para comprovar esse aspecto, Bosh cita um trecho do antigo Código de Direito Canônico: “*A preocupação universal com a missão para não católicos estava reservada exclusivamente a Sé apostólica*” (BOSCH, 2009, p. 443).

Dentro do protestantismo a situação não era muito diferente, onde a missão era basicamente de responsabilidade de sociedades missionárias que eram consideradas como portadoras da missão. Ou seja, historicamente tanto no catolicismo como no protestantismo há uma prática de responsabilizar alguma área específica da igreja, seja ministérios, departamentos e instituições por suas ações missionárias, colocando-as quase sempre a margem de suas ações principais (Bosch 2009).

Mas há uma mudança desse direcionamento e concepção no século XX que Bosh vai responsabilizar de maneira fundamental as conferências missionárias mundiais, que transformaram o entendimento na relação missão e igreja.

Pela primeira vez, o reconhecimento de que missão e igreja constituem uma unidade indissolúvel começou a patentear-se de tal maneira que não podia mais ser ignorado. Até que em uma dessas conferências especificamente em Gana, 1958, Newbiggin vai resumir o consenso que foi alcançado:

1 “A igreja é a missão”, o que significa que é ilegítimo falar de uma sem, ao mesmo tempo, falar da outra;

2 “A base doméstica está em toda parte”, ou seja, cada comunidade cristã se encontra em uma situação missionária, e;

3 “Missão em parceira” denotando o fim de qualquer forma de tutela de uma igreja sobre a outra (Bosh 2009, p. 448).

Nesse contexto, é importante também citar que houve uma integração entre o CMI e o CoMIIn, isso ocorre em Nova Délhi 1961. Segundo Bosh, toda essa evolução proporcionou uma mudança muito grande no entendimento entre igreja e missão.

O reconhecido teólogo Karl Barth afirma que: “A igreja existe quando é enviada e edifica-se visando sempre a sua missão” (BARTH, 1956, p. 169)

Nesta eclesiologia emergente, a igreja é vista como essencialmente missionária, e que este dever de ir não pode ser tido como uma atividade periférica, mas deve ser firmemente estabelecida como um dever de toda a igreja.

Vale ressaltar, também, que a atividade missionária não é uma ação da igreja, mas sim, é a igreja em ação. Visto que Deus é um missionário como visto em Mission Dei, conseqüentemente o povo de Deus é um povo missionário.

Não se pode deixar de abordar, desse modo, a suma importância da igreja local para esse movimento, pois é na igreja local que as ações vão ser implementadas e na sua vivência que toda essa teoria e tendência encontra sentido. Sobre isso, Bosh vai concluir que:

A dimensão missionária da vida de uma igreja local manifesta-se quando ela é verdadeiramente uma comunidade de culto; é capaz de acolher pessoas de fora e fazer com que se sintam em casa; é uma igreja em que o pastor não possui o monopólio e os membros não são meramente objetos de assistência pastoral; seus membros são equipados para exercer sua vocação na sociedade; ela se mostra estruturalmente maleável e inovadora, e não defende os privilégios de um grupo seletivo (GENSICHEN, 1971, p.170-172).

No entanto, os últimos anos são positivos no aspecto dessa revisão do conceito de igreja e missão: “[...] desde a década de trinta, os missiólogos vêm exigindo uma relação mais estreita entre o conceito de missão e a ideia de igreja, convergindo a natureza missionária de igreja” (ENGEN, 1996, p.32).

Porquanto, há um movimento claro dos eclesiólogos modernos que buscam uma nova forma de visualizar igreja, apontando um novo paradigma de congregação e a tornando como um povo missionário em âmbito local (ENGEN, 1996, p.32).

Fica claro, dessa forma, que no último século houve um redescobrimto da igreja local e o seu papel fundamental no cumprimento da missão, sendo o mais autêntico à luz do Novo Testamento. Fica muito evidente, na obra de Bosch, a importância do entendimento sobre o que é igreja e que a igreja não está separada da missão, pois ela precisa exercê-la sempre para que seja autenticamente considerada como igreja.

Érico Xavier, em seu estudo Teologia da Missão Integral, aborda a realidade da missão atual mais especificamente na América Latina e analisa a obra de Orlando Costas, importante missiólogo latino-americano, e este afirma que:

“Não há igreja, a não ser uma igreja missionária. Ser igreja é por conseguinte, viver uma situação de encruzilhada, ir constantemente ao encontro do mundo, ser desafiado por ele e impelido pelo Espírito de Deus para dar testemunho do “evangelho do Reino de Deus” (XAVIER, 2011, p. apud COSTAS, 1966).

Sendo assim, Xavier em sua obra demonstra que missão e igreja estão inter-relacionadas e não há como vislumbrar uma sem a outra.

Até aqui, portanto, foi visto nitidamente que nas últimas décadas se caminhou para o entendimento onde igreja e missão não podem ser desassociadas, formam uma unidade indivisível e que este conceito vai afetar seus discursos, sua prática seja na sua esfera global ou local.

Porém, percebe-se que há uma distância entre o ideal e o real. Assim sendo, algumas reflexões são importantes: Será que a igreja entendendo a sua vocação e seu motivo de ser tem transformado essa concepção em prática eclesiológica? Especificamente a igreja local tem conseguido fazer com que seus recursos humanos, financeiros e espirituais sejam usados integralmente na ação de fazer discípulos conforme encontramos no mandato de Jesus a sua igreja em Mateus 28:19? E quando ela vai em direção ao mundo, ela o faz de maneira isolada e eventual ou ela faz isso intermitentemente?

## ASPECTOS INDIVIDUAIS DA MISSÃO

Não basta apenas discutir sobre a matriz eclesiológica e apontar soluções para que a igreja esteja em estado contínuo de evangelização. Há uma grande necessidade de criar uma cultura missional, para que esse ideal saia do planejamento, dos conselhos, concílios e atinja a realidade das ruas. Se faz necessário uma mudança de paradigma em cada crente.

“A missão primordial é a de Deus, pois foi Ele quem mandou seus profetas, seu Filho, seu Espírito. Destas missões a do Filho é a central, pois foi o auge do ministério dos profetas e incluiu em Si, como clímax, o envio do Espírito” (STOTT, 2010, p. 25).

Nesse sentido, Deus é o grande missionário, Ele é o que age primariamente para missão, e, se todo crente tem como objetivo de vida se parecer com Deus e restabelecer a imagem que foi perdida, um dos atributos divinos é “[...] buscar e salvar o perdido” (Lucas 19.10).

E ainda mais adiante, o verdadeiro convertido ao experimentar o novo nascimento se torna um missionário. “Todo verdadeiro discípulo nasce no reino de Deus como um missionário” (WHITE, 2009, p. 102).

Desse modo, essa conversão do indivíduo que forma a sua igreja local pontencializa o seu exercer missionário através da vivência real do cristianismo no dia a dia da igreja e que vai produzir frutos e testemunho. “O testemunho verbal, juntamente com a proclamação pública requerem uma vida comunitária vital, em que haja a manifestação do fruto do Espírito (Galatas 5.22)” (SHEDD, 2006, p. 109).

Quando se contempla algumas personalidades proeminentes no Novo Testamento, atores que foram protagonistas na sua contribuição para o crescimento da igreja no primeiro século, podem ser citados indivíduos como Paulo, Silas, Barnabé, Estêvão, Apolo e muitos outros. Esses indivíduos não parecem ser exceção, mas regra de uma igreja que tinha como por tradição o agir missional, a igreja parece ter uma tradição de ser pregadora. Paulo, além do seu caráter missionário, quando se põe a servir a igreja o faz muito porque esse era um papel natural a se desempenhar visto que a comunidade em que ele estava inserido vive essa missão intensamente. (SENIOR; STUHMUELLER, 2010, p. 246).

É notório que a igreja tinha indivíduos mais proeminentes e dotados de dons de maior visibilidade como o da pregação, mas o que fica claro é que a igreja do primeiro século tinha uma tradição missionária e estes indivíduos que ficaram célebres nada mais são do que a expressão desta igreja.

Por isso, a igreja de hoje também deveria desenvolver tradições como estas, positivas e não aquelas sem sentido e sem embasamento que atrapalham o exercer mais pleno e mais coerente da missão.

Sendo assim, há um chamado para que os crentes juntos em sua igreja vivam uma realidade tal em meio à sua comunidade, que ela pode inclusive ser responsabilizada pela deterioração do ambiente em que ela está inserida:

Quando qualquer comunidade se deteriora, a falha deve ser atribuída a quem de direito: não a comunidade que está indo mal, mas a igreja que está falhando em sua responsabilidade de, como sal, pôr fim à deterioração. E o sal só será efetivo se permear a sociedade, se os cristãos se atentarem novamente para a vasta diversidade dos chamados divinos, e se muitos penetrarem na sociedade secular para lá servir a Cristo. (STOTT, 2010, p. 37).

A dimensão comunitária da igreja, portanto, é formada no seu ajuntamento individual, se cada crente compreender que é inviável ser cristão sem ser missionário e partir para uma ação evangelística na sua esfera de ação na sua comunidade local, então a partir daí a igreja vai cumprir o propósito para qual ela foi criada que amplamente tem sido discutido aqui.

### ECLESIOLOGIA ADVENTISTA

Essa é uma parte importante a ser considerada, pois conforme foi visto, a igreja sempre esteve de certa maneira cônica da sua responsabilidade diante do mundo: a tarefa de evangelizá-lo. Mas, quase sempre o fez de maneira periférica e parece que essa nunca foi uma ocupação máxima de sua agenda como um todo, pois igrejas não deveriam ter agências missionárias, mas deveriam ser agências missionárias. Pois esse parece ser mais o modelo das igrejas que encontramos no Novo Testamento, e muito embora haja severas críticas e erros apontados para essas igrejas, elas demonstram estar em um estado contínuo de evangelização.

Agora, o estudo se encaminha mais especificamente para a realidade da Igreja Adventista do Sétimo Dia, sendo discutido como é o seu entendimento de missão e como esse entendimento forma a sua eclesiologia.

A Igreja Adventista se entende como remanescente, afinal ela cumpre os requisitos identificados na Bíblia. Que basicamente são dois: os que guardam os mandamentos de Deus (isso aponta objetivamente para o decálogo) e o testemunho de Jesus, entendido como o Espírito de Profecia manifestado em Ellen White, porém, para além desses dois “requisitos” outra manifestação de ser efetivamente remanescente é a grande responsabilidade de proclamar o evangelho eterno a toda terra e a todo povo antes da segunda vinda de Cristo Jesus Rodrigues (2012, p. 63).

Ainda nesse contexto, outra marca do remanescente é que em todo histórico bíblico ele era apenas a pequena parte de um todo, sempre como minoria e aparentemente mais frágil. Isso muitas vezes é um tranquilizador para muitos que se utilizam deste pretexto para explicar a falta de intensidade missionária e um crescimento pequeno da igreja, produzindo quase uma pseudo teologia, a teologia do “pequeno povo muito feliz”, por isso é importante mencionar que “A leal minoria foi suficientemente numerosa para conservar e transmitir os escritos dos profetas” (LATOURETTE, 2010, p. 270).

Latourette (2010, p. 270) destaca, também, que a propagação do cristianismo nos seus primórdios se dá muito em conta do ambiente propício em que se encontra. A *Pax Romana* parece ser decisiva para a pregação do evangelho, pois ela contribuiu para a difusão de ideias e religiões por onde a mesma prevaleceu.

Enquanto alguns olham para o mundo hoje e o veem como um grande desafio, outros preferem olhar para a igreja que hoje de fato é global, e a colocar em uma condição suficientemente abrangente e em condições de alcançar a todos. O que tem que ser ressaltado, porém, é que isso só poderá acontecer se a igreja se tornar um povo missionário, um povo que se move constantemente (ENGEN, 1996, p.30).

Assim sendo, a contemporaneidade ao mesmo tempo que traz desafios grandes à igreja, também oferece condições nunca vistas antes para impulsionar a missão. Ou seja, não há motivos razoáveis para não acreditar que este remanescente hoje tem um ambiente favorável, uma igreja com alcance global e que pode fazer grandes coisas se impulsionada pelo Espírito Santo que foi o grande agente causador do sucesso e expansão da igreja no primeiro século.

Dessa forma, a Igreja Adventista em sua concepção doutrinária parece ter muito clara a sua responsabilidade como igreja:

A igreja visível é a igreja de Deus organizada para o serviço. É ela que preenche a grande comissão de Cristo no sentido de levar o evangelho a todo o mundo (Mat. 28:18-20), e preparar as pessoas para o Seu glorioso retorno (1Ts. 5:23; Ef 5:27). (IASD, 2010, p. 198)

Já quanto à sua principal função:

A Igreja foi organizada a fim de cumprir o plano de Deus, de encher este mundo com o conhecimento da glória de Deus. Somente a Igreja visível pode prover uma série de funções vitais para o cumprimento desta finalidade (IASD, 2010, p 202).

Fica muito claro, assim, que a Igreja Adventista está organizada para o exercer da missão que aqui é descrito como levar o evangelho a todas as nações, sob o poder do batismo do Espírito Santo:

A Igreja universal se compõe de todos os que verdadeiramente creem em Cristo; mas, nos últimos dias, um tempo de ampla apostasia, um remanescente tem sido chamado para fora, a fim de guardar os mandamentos de Deus e a fé de Jesus. Este remanescente anuncia a chegada da hora do Juízo, proclama a salvação por meio de Cristo e prediz a aproximação de Seu segundo advento. Essa proclamação é simbolizada pelos três anjos de Apocalipse 14; coincide com a obra de julgamento no Céu e resulta numa obra de arrependimento e reforma na Terra. Todo crente é convidado a ter uma parte pessoal neste testemunho mundial” Crenças Fundamentais, 12. (IASD, 2010, p. 202).

Percebe-se, com isso, que a Igreja Adventista do Sétimo Dia, dentro de seu escopo doutrinário, possui base bem clara de sua natureza, ação e função como igreja e que a mola propulsora de sua existência e organização como igreja é a missão e o seu exercê-la.

As profecias do livro de Apocalipse destacam claramente a missão do remanescente. As três mensagens angélicas de Apocalipse 14:6-12 revelam a proclamação do remanescente, a qual deverá trazer completa e final restauração da verdade do evangelho. Essas três mensagens angélicas correspondem à resposta divina aos extraordinários enganos satânicos que varrem o mundo justamente antes do retorno de Cristo (Ap 13:3, 8, 14-16). Imediatamente em seguida ao último apelo divino dirigido ao mundo, Cristo retorna para efetuar a colheita (Ap 14:14-20). (IASD, 2010, p 227).

Por isso, a IASD deve viver de maneira mais intensa, que outros modelos eclesiais, essa realidade missional da pregação do evangelho, pois quando ela se entende como um movimento que vive em um contexto apocalíptico da história final do mundo, a propagação da sua mensagem se torna prioridade máxima em suas ações em detrimento de qualquer outra situação.

Assim sendo, a compreensão dessa visão apocalíptica literalmente levou os membros da Igreja Adventista no passado a sacrificar a vida e os recursos para disseminar o que costumavam chamar de a “mensagem” (KNIGHT, 2010, p. 55).

Knigh ainda aprofunda um pouco mais sobre essa temática:

Tamanha dedicação não ocorre por acaso. É preciso convicção para motivar a ação banhada em sacrifício, a convicção que o movimento adventista tem uma mensagem, que além de ser verdadeira e importante precisa ser proclamada ao mundo inteiro antes do segundo advento de Cristo (KNIGHT, 2010, p.103).

Portanto, essa visão apocalíptica que permeou a igreja nos anos de maior crescimento, deve ser resgatada. É fato que a Igreja Adventista infante estava em um outro ambiente em uma dinâmica diferente, mas esse senso de urgência, imediatismo, veracidade e singularidade da mensagem que vem com a visão apocalíptica deve voltar a fazer parte da cosmovisão do adventismo.

## CONCLUSÃO

Como foi visto a igreja nasceu com um propósito: a proclamação da mensagem que Ihe foi dada, o compartilhamento da boa nova. Foi analisado também, que a igreja primitiva do primeiro século viveu isso intensamente, mas com o passar dos anos essa intensidade missional foi se perdendo de tal modo que a igreja teve que voltar a discutir o seu propósito. Há sinais positivos quanto a este entendimento que apontam para uma resignificação da igreja como missão. Porém a realidade da igreja hoje parece estar ainda um pouco distante deste ideal. Para que a igreja volte a agir da maneira correta, sendo fiel ao seu propósito, deve-se ainda avançar mais a sua descoberta quanto à razão de ser e se tornar como um todo um povo missionário, de uma natureza e cultura evangelística quase que natural. Sendo assim, que a igreja se torne tradicionalmente missionária e pregadora e não negocie a alteração deste status.

A contemporaneidade parece ser um ambiente favorável para a disseminação dos valores do

reino, e o que ela espera é ver este reino ser manifestado de maneira palpável e visível na igreja e através da igreja.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA ASSOCIACAO GERAL DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA. **Nisto cremos:** as 28 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Setimo Dia. Tradução de Hélio L. Grellmann. 8. ed. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

BARTH, karl; **Church Dogmatics**. Edinburgh: T&T Clark, 1956.

BLAUW, Johannes; RAMOS, Jovelino Pereira. **A natureza missionária da igreja:** exame da teologia bíblica da missão. São Paulo: ASTE, 1966.

BONHOFFER, Dietrich. **Discipulado**. Tradução de Ilson Kayser. 11. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2011.

BOSCH, David J. **Missão transformadora:** mudanças de paradigma na teologia da missão. Tradução de Geraldo Korndorfer, Luís M. Sander. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

CRESS, James A. **Comunidade de amor:** tornando a igreja um lugar de aceitação e crescimento. Tradução de Cecília Eller Nascimento. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

ENGEN, Charles Van; MEDEIROS, Fabiani S. **Povo missionário, povo de Deus:** por uma redefinição do papel da igreja. São Paulo: Vida Nova, 1996.

KIRK, J. Andrew. **O que é missão?:** teologia bíblica de missão. Tradução de César Marques Lopes. Londrina: Descoberta, 2006.

KNIGHT, George R. **A Visão apocalíptica e a neutralização do adventismo:** estamos apagando nossa relevância?. Tradução de Davidson Deana, Karina Carnassale Deana. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

LATOURETTE, Kenneth Scott. **Uma história do cristianismo**. Tradução de Heber Carlos de Campos. São Paulo: Hagnos, 2006.

MARSHALL, I Howard; CHOWN, Gordon. **Atos dos Apóstolos:** Introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1985.

PANAZZOLO, João. **Missão para todos:** introdução à missiologia. São Paulo: Paulus, 2010.

RODRIGUEZ, Angel Manuel (Org.). **Teologia do remanescente:** uma perspectiva eclesiológica adventista. Tradução de Cecília Eller Nascimento. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2012.

SENIOR, Donald; STUHLMUELLER, Carroll. **Os fundamentos bíblicos da missão**. Tradução de Anacleto Alvarez. Santo André: Academia Cristã Ltda, 2010.

SHEDD, Russell P. **Evangelização: fundamentos bíblicos**. São Paulo: SheddPublicacoes, 2006.

STOTT, John R. W. **A mensagem de Atos: até aos confins da terra**. Tradução de Markus André Hedieger, Lucy HiromiKonoYamakami. São Paulo: ABU, 1994.

STOTT, John; SANTOS, Meire Portes. **A missão cristã no mundo moderno**. Viçosa: Ultimato, 2010.

WARREN, Rick; OLIVEIRA, Carlos de. **Uma Igreja com propósitos**. 2. ed. São Paulo: Vida, 1999.

WHITE, Ellen Gould. **A Ciência do Bom Viver**. Tradução de César L. Pagani. 2. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009.

XAVIER, Erico Tadeu. **Teologia de missão integral: nas práxis evangélicas na América Latina**. Londrina: Descoberta, 2011.

